

○ CICLO ÉPICO DO CORVO NO PALEOASIÁTICO E O MITO DO DESANINHADOR DE PÁSSAROS DOS ÍNDIOS BORORO NO BRASIL: EM BUSCA DE ELOS

Helena S. Nazário*

Resumo: Este trabalho visa estabelecer comparações entre o ciclo épico do Corvo, estudado por Eleazar Meletinski em *O Epos Mitológico Paleoasiático*, e o mito bororo denominado "o desaninhador de pássaros" estudado por Claude Lévi-Strauss em *O Cru e o Cozido*.

Palavras-chave: Eleazar Meletinski, *O Epos Mitológico Paleoasiático*, ciclo épico, Corvo, Claude Lévi-Strauss, *O Cru e o Cozido*, mito bororo, "desaninhador de pássaros".

Em seu livro *O Epos Mitológico Paleoasiático*, Eleazar Meletinski, pesquisador russo do mito e do folclore, dedica-se ao estudo do ciclo épico do Corvo. O autor examina o epos do Corvo entre os aborígenes da Kamtchatka e da Chukotka (na Sibéria), entre as populações do Alasca (os esquimós, os atapascos) e, principalmente, entre os índios da costa noroeste americana (os tlinguit e os haida). Entre essas etnias, o Corvo se destaca como um demiurgo, um protoancestral humano e tribal, um herói cultural e totêmico. Essa ligação com antepassados totêmicos explicaria os nomes e os atributos de muitos heróis culturais: o Corvo, o Coiote, o Coelho, o Urubu.

Em *O Cru e o Cozido*, Claude Lévi-Strauss estuda o mito dos índios bororos, denominado o *desaninhador de pássaros*, em que a representação mítica do herói bororo surge como um possível contraponto ao Corvo.

Este trabalho se propõe a estabelecer comparações entre o epos do Corvo e a lenda bororo.

• • •

* A autora é Prof^a. Dr^a. do Departamento de Línguas Orientais da FFLCH/USP.

Para E. Meletínski, os contos sobre o Corvo constituem um ciclo épico original e arcaico. O caminho este epos seguiu em sua transmigração da Ásia para a América faz supor que os antepassados dos índios americanos trouxeram os mitos do Corvo da Ásia para a América do Norte, introduzindo-os entre os grupos étnicos que habitavam a costa noroeste americana.

O principal mito heróico, entre os índios americanos, relata a história do Corvo Yel, o qual mantém uma ligação amorosa com a mulher de seu tio. Caracterizado o incesto, o tio cumula o sobrinho de provas difíceis de realizar. Todavia, o sobrinho (o Corvo) possui dons mágicos que lhe permitem sair ileso das provas. Como último recurso, o tio provoca o dilúvio universal, a fim de liquidar o sobrinho. O Corvo, para se salvar, sai em busca da plumagem de um pássaro celeste e, vestido com essa plumagem, perfura a abóbada celeste com o bico. Desse modo consegue permanecer suspenso no céu. Finalmente, quando as águas baixam, o Corvo pousa sobre um outeiro que se eleva sobre as águas. O dilúvio termina e ele se salva.

Meletínski esclarece que, em princípio, a história do Corvo trata do tema do incesto que deflagra a vingança do tio. Na realidade, porém, o início do conflito entre tio e sobrinho no conto é provocado pelo tio e não pelo sobrinho. Tomado de um acesso de ciúmes de seus sobrinhos, o tio resolve matá-los. Apenas um deles, o Corvo, consegue escapar com vida. Ao atingir a maturidade, ele resolve vingar-se do tio. É então que comete incesto com a mulher dele. O tio, no afã de se vingar e aniquilar o sobrinho, impõe-lhe as provas difíceis. O Corvo, no entanto, as supera, tornando-se herói e demiurgo, dando início a uma série de feitos culturais como a obtenção do fogo, da luz, da água fresca etc.

Este seria, em nível mais superficial, o enredo do mito. Porém, de acordo com Meletínski, em nível mais profundo, existe um outro significado fundamental: os índios têm uma tradição matrilinear, em que o vínculo com o irmão da mãe (o tio) é muito estreito. Uma vez que o tio é o parente masculino mais próximo pela linha materna representa o poder da autoridade, como chefe da tribo. Por outro lado, o sobrinho (filho da irmã) representa, para o tio, o futuro da espécie, uma vez que é seu herdeiro mais próximo. É dever do tio (o velho chefe) perpetuar o processo de mudança das gerações e a vida da

espécie, pois a vitória da geração mais jovem é condição necessária para a continuidade permanente do clã. Nesse sentido, as provas que o tio impõe ao sobrinho impregnam-se de um significado ritualístico, constituindo autênticos rituais de maturidade, que propiciam a formação da personalidade do herói. Assim, o aprendizado da caça ao pássaro celeste e a transformação chamânica do herói (o vôo do herói vestido com a plumagem do pássaro celeste) representariam o coroamento das provas.

O autor constata que o motivo do incesto assume função relevante ao simbolizar a maturação do jovem que completa o ciclo das provas iniciáticas. As provas se associam ao ritual da mudança de gerações, principalmente no aspecto da sucessão do chefe. O triunfo do herói corresponderia a uma transformação radical de seu *status* social, sendo que a força erótica e mágica revelariam seu preparo à sucessão do chefe decadente da tribo. Disso decorre que, por trás da disputa familiar e da vingança, aparente em primeiro nível, o que de fato desponta, em segundo nível, é o conflito de duas gerações.

Em *Arquétipos Literários*, Meletínski reafirma que os motivos erótico e do incesto atuam como sinais de decadência de uma geração e de maturidade da geração seguinte. Como exemplo cita o mito de Édipo, em que o velho rei, ao ser avisado de que o jovem herdeiro (ou qualquer outro recém-nascido) iria ocupar seu lugar, faz todas as tentativas para aniquilá-lo. Tentativas frustradas, uma vez que, após a morte do pai, Édipo se torna rei. À morte ritual do rei, segue-se o casamento do herói com a mãe e a sucessão ao trono, o que vem confirmar a troca de poder pela geração mais jovem.

De um outro ângulo, observa o autor, considerando-se que o incesto representa uma transgressão do tabu, e que a proibição do incesto bem como a instituição de uma exogamia dual caracterizam o começo de um *corpus* social, segue-se que a violação do tabu, através do incesto, traz como consequência o caos social. O motivo do incesto configuraria, então, uma espécie de pivô – atuando ao mesmo tempo como instrumento de vingança superficial, símbolo de maturidade do herói, e violação do tabu que deflagra o caos social. A uma transgressão máxima no nível social (configurada pelo incesto) corresponderia uma transgressão máxima no nível cósmico (configurada pelo dilúvio).

Mais grave, porém, que a transgressão do incesto, segundo Meletínski, deve ser considerada a transgressão das normas de parentesco (ou seja, a destruição dos sobrinhos pelo tio). Assim, tanto o motivo do incesto como o motivo da destruição dos sobrinhos se associam ao motivo do dilúvio, num tema único, o qual será traduzido na luta entre o caos e o cosmos. Uma vez que do triunfo do cosmos sobre o caos deriva a criação do mundo (ou a sua ordenação), a “cosmização” do caos pode ser representada não apenas como uma troca de gerações de deuses, mas também como uma luta entre jovens e velhos deuses. Embora as provas impostas ao Corvo revelem os aspectos de uma iniciação, o objetivo do tio seria, na realidade, aniquilar o sobrinho, pois essa aniquilação diz respeito à sucessão de poder das gerações.

Ainda em *Arquétipos Literários*, Meletínski se refere ao estudo de Claude Lévi-Strauss sobre o *desaninhador de pássaros* para observar que, enquanto no ciclo épico do Corvo se origina uma relação ambivalente entre o tio e o sobrinho, no mito bororo esse tipo de relação ocorre entre o pai e o filho.

. . .

O mito bororo, estudado por Lévi-Strauss, à semelhança do mito do Corvo, tem como motivo inicial o incesto. Diferido do mito do Corvo, porém, o herói bororo comete incesto com a mãe. Em seu estudo, Lévi-Strauss destaca que o mito bororo não evidencia a idéia da culpa do herói; é apenas do ponto de vista do pai que o filho é culpado. Por isso, o pai deseja a morte do filho e faz planos para concretizá-la, por meio de provas difíceis que lhe impõe.

O que Lévi-Strauss destaca nesse mito é a indiferença dos bororo em relação ao incesto: a culpa recai muito menos no filho incestuoso que no marido ofendido que busca vingança. Em princípio, o mito bororo isenta o herói de culpa, uma vez que ele recebe a ajuda que solicita da avó para a realização das provas. Toda culpa é atribuída ao pai, por ter desejado vingar-se do filho, enquanto o herói aparece sobretudo como vítima.

O herói bororo comete incesto no momento em que se recusa a separar-se da mãe, incumbida de desempenhar uma missão feminina: ir à flores-

ta colher folhas para confeccionar estojos penianos, utilizados pelos rapazes nas provas de iniciação. Relutando em se desligar dos laços maternos, o herói acaba reforçando-os, por meio de um ato cuja natureza sexual o coloca muito além das provas de iniciação. Esse erro ocasiona uma disjunção: o pai convida o filho para capturar filhotes de pássaros nos ninhos junto aos rochedos e o abandona numa rocha escarpada, onde o rapaz permanece separado dos seus.

Ansioso em se livrar da situação em que se encontrava, o herói se envolve nas peles de lagartos putrefatos e, assim, transformado em carniça, excita o apetite dos urubus, os senhores do fogo, atraindo-os. Passa, então, a participar do poder deles sobre o fogo. Os urubus, que deveriam devorar o herói, consomem apenas uma parte da carne crua de sua vítima, o traseiro. Em seguida, atuam como autênticos salvadores, servindo de montaria para transportar o herói da rocha onde ele se encontrava para a terra. Vencidas as provas impostas pelo pai, o herói retorna à aldeia, onde uma tempestade apagara todos os fogos, exceto o da casa de sua avó. Ao refugiar-se ali, torna-se senhor do fogo e todos devem se dirigir a ele para obter uma brasa e reacender o fogo perdido.

A mitologia indígena sul-americana costuma estabelecer relações entre o fogo e o urubu, considerado o dono do fogo. No mito dos índios apapocuvus, o herói civilizador finge que morre e que seu corpo começa a se putrefazer. Os urubus, senhores do fogo, juntam-se em volta do “cadáver” e acendem uma fogueira para cozinhá-lo. No entanto, o herói consegue safar-se das brasas, afugenta os urubus, tira-lhe o fogo e o entrega aos homens. Desde então, os urubus começam a se alimentar de carne podre.

Lévi-Strauss enfatiza que, ao contrário dos outros mitos indígenas, os quais em geral privilegiam a origem do fogo, o mito bororo se sobressai como um mito da origem do vento e da tempestade, elementos que conseguem apagar o fogo. Entre os bororo, o vento, a tempestade e a chuva se associam à constelação do Corvo, a qual evoca a estação das chuvas (a água do céu). Ritos e lendas antigas consideravam o corvo um pássaro que anunciava as chuvas porque, ao ficar com sede, invocava a água celeste ausente. Segundo o autor, o pensamento mítico sul-americano distingue

dois tipos de água – uma criadora, de origem celeste, e outra destruidora, de origem terrestre. Para os bororo, que vivem nas terras baixas do pantanal, o signo da água é um elemento extremamente familiar e tem uma conotação de morte, de destruição. Depois da inumação do cadáver, os ossos do morto são lavados, colocados dentro de um cesto e imersos no fundo do rio, “a morada das almas”. Água e morte, por isso, estão sempre associados no pensamento desses indígenas.

O chefe bororo, para vingar-se do filho, envia-o ao reino aquático das almas de onde este teria que lhe trazer instrumentos musicais destinados a fazer barulho (as maracas). Nos mitos, recorda-nos Lévi-Strauss, o ruído tem o poder de evocar as uniões condenáveis, sancionadas pelo charivari, pois acreditava-se que a algazarra era eficaz para as forças do mal. Do ponto de vista do chefe bororo, o incesto do filho, considerado união condenável, deveria atrair uma sanção cosmológica. Ou seja, as almas do rio, avisadas pelo ruído, encarregar-se-iam de punir o herói. A prova consistia, portanto, em “não fazer barulho”, pois qualquer ruído implicaria em risco de morte. Graças à ajuda da avó, também desta vez o herói consegue sair-se bem da prova. No entanto, a vingança do pai acaba atraindo a sanção sobrenatural e, no final, ele é quem será punido e morto. Durante uma caçada chefiada pelo pai, o filho se disfarça de veado e desempenha o papel de seu matador. Em seguida, o corpo é lançado pelo filho nas águas do pantanal, morada dos espíritos canibais, as piranhas. São elas que se encarregam de fazer justiça com os próprios dentes, devorando o chefe bororo.

. . .

Tanto o mito do Corvo, estudado por Meletínski, como o mito bororo, estudado por Lévi-Strauss, destacam um motivo comum – o incesto – em torno do qual se articulam as duas narrativas. O incesto é o motivo que deflagra a vingança do tio do Corvo, na primeira narrativa, assim como do pai bororo, na segunda. A vingança, por sua vez, implica a imposição de provas, superadas por ambos os protagonistas (o Corvo e o herói bororo). As provas confluem para um denominador comum – as águas. Na narrativa

do Corvo, as águas se manifestam em forma de dilúvio e constituem a última prova imposta pelo tio ao sobrinho. No entanto, este se salva e o próprio tio morre. Na narrativa bororo, as águas do lago-pântano, escolhidas para a prova final que o pai impõe ao filho, revertem em morte para o chefe bororo, também.

Na narrativa do Corvo, a simbologia do dilúvio se caracteriza por sua dupla função: de um lado, suas águas são destrutivas porque reduzem tudo a um estado de indiferenciação. De outro, desempenham uma função amniótica, regeneradora, na medida em que uma nova criação se segue à destruição. No dilúvio, o mundo desaparece e, com ele, a humanidade original e seus pecados. Surge, então, uma outra humanidade, purificada, da qual são eliminados os maus elementos. Os sobreviventes do dilúvio – os heróis – são imortalizados e vão assegurar a continuação da espécie. É assim que o Corvo se transforma em herói cultural e demiurgo.

Na narrativa bororo, as águas do lago-pântano, à semelhança do dilúvio, simbolizam, numa primeira instância, o caos primordial de lama e água, maléfico e destruidor, que serve de receptáculo para o corpo do chefe bororo morto. As águas assumem o poder de engolir, punir o pecador, “matar o morto”, abolindo definitivamente sua condição humana. Por ter desejado a morte do filho (à semelhança do tio do Corvo que aniquilou os sobrinhos e desejou a morte do Corvo) o pecado do chefe bororo incide na transgressão das normas de parentesco. Com isso, produz-se uma tensão mortífera na comunidade, uma ruptura do equilíbrio social: o sistema organizado de mundo em que o chefe atuava como liderança tribal é rompido; a transgressão gera o mal e este terá de ser expiado.

Para restabelecer o equilíbrio perdido, o bom relacionamento da comunidade, torna-se necessário um sacrifício. E o assassinato do chefe bororo pelo filho assume as características de um ritual sacrificial. A vítima (o pai) é consagrada e oferecida a uma força sobrenatural – os espíritos canibais das águas (as piranhas) – enquanto o filho assume o papel de ofertante do sacrifício. Com isso, o filho se investe do papel de chefe da tribo, pois é a este que, naturalmente, se destina tal função. O sacrifício é oferecido aos espíritos da natureza, pois são eles os mediadores e intercessores junto ao ser supremo o qual aprova e controla as ações humanas. A finalidade da

expição será apaziguar a ira dos espíritos canibais, sedentos de sangue, para que estes deixem a comunidade em paz.

Neste ponto, convém abrir parênteses e reportar-se aos ritos funerários dos bororo, cerimoniais que chegam a se prolongar por trinta dias – prazo considerado suficiente para a passagem da decomposição do cadáver à mineralização. Nesses cerimoniais, destacam-se dois momentos importantes: uma primeira etapa, o rito da separação visa “matar o morto”, ou seja, matar o que ainda permanece de vivo nele. Isso porque, no decorrer do processo de decomposição, o corpo se corrompe e é considerado perigoso; em uma segunda etapa, os ossos são exumados, lavados e transferidos para um outro lugar, considerado “puro”. É como se o corpo em decomposição tivesse corrompido a terra e, por isso, fosse necessária a remoção dos ossos purificados para um local isento de impurezas. Uma vez que o cadáver é considerado a essência da impureza que polui a “boa criação”, ele é isolado, evitando-se que sua presença contage o processo de purificação. O corpo é deixado num local distante, freqüentado por animais carnívoros, e estes se tornam os seus “purificadores”, pois desembaraçam o morto da carne putrefata.

Na lenda bororo são os espíritos da laguna (as piranhas) que vão cuidar dos “funerais” do chefe bororo. Ao consumir as carnes do morto, se tornam os purificadores que desembaraçam o cadáver da carne ainda não putrefata. As carnes “enterradas” em suas barrigas cumprem, por sua vez, a função da terra, com uma vantagem – a digestão acelera a passagem do corpo morto para a mineralização, evitando a decomposição lenta do cadáver.

Os pulmões e os ossos do chefe morto são descartados pelas piranhas. Enquanto os pulmões, transformados em plantas, permanecem flutuando na superfície das águas, os ossos vão se depositar no fundo do lago, que os recebe como sepultura. Conforme menção anterior, para os bororo a água é um elemento familiar e traz a conotação de morte. Nos rituais funerários da tribo, após a exumação do cadáver, os ossos são lavados, colocados num cesto e imersos no fundo do rio, “a morada das almas”. Uma referência às crenças das tribos indígenas dos zuni e dos xesana nos revela que, para os zuni, os ancestrais viveriam no fundo de um lago, enquanto que

para os desana, uma região banhada em água estender-se-ia por baixo da terra, constituindo como que um domínio uterino, considerado a origem da vida. Os homens que se destinavam a nascer estariam ligados a esse domínio, por uma espécie de cordão umbilical. Em relação inversa, um retorno às águas amnióticas seria considerado morte feliz.

Os pulmões do chefe bororo, transfigurados em plantas, flutuam nas águas lamacentas do pantanal, altamente favoráveis à formação de matéria orgânica, as hilogenias. O pulmão tem, realmente, forma de planta: uma árvore oca, constituída de ramificações, os brônquios, e de folhas ocas também, os alvéolos. O simbolismo de uma planta, o lótus, identificava-se com o potencial criador e gerador da vida e da própria criação; oriundo do Egito, este simbolismo é retomado pela tradição hindu: um dos deuses (Prajapati), imaginando como deveria ser a criação, viu uma folha de lótus, mergulhou e do fundo das águas trouxe lama para a superfície, espalhando-a sobre a planta. Esta se tornou símbolo da vida que emergiu das obscuras profundidades do caos aquático.

Assim como a reabsorção nas águas do lago-pântano (na lenda bororo), a reabsorção nas águas do dilúvio (no epos do Corvo) determina o tema central das cosmogonias: a reintegração no indistinto, no caótico, é essencial para a formação de novas existências. No que diz respeito ao epos do Corvo, quando as águas do dilúvio baixam, o herói se salva, pousando sobre um outeiro que se eleva sobre as águas; a partir de então, ele se investe das funções de um demiurgo.

Neste ponto do trabalho, convém deter-se na obra de N. Cohn, *Cosmos, Caos e o Mundo que Virá*, na qual o autor estuda as diversas cosmogonias. A cosmogonia egípcia era imaginada como modelagem que transformava a matéria informe em um mundo ordenado; o caos era um oceano ilimitado em meio às trevas. No interior do abismo escuro e líquido encontrava-se, em estado latente, a substância primeira a partir da qual seria formado o mundo. Em certo momento, chamado “a primeira época”, uma ilha minúscula emergia das águas – o outeiro primordial (grifos meus): uma terra quase submersa que em seguida surgia renovada das águas, coberta de solo fresco e fértil. Fazia-se necessária a existência de um demiurgo para

ordenar e organizar o mundo; este se manifestava justamente no momento em que aparecia o *outeiro primordial*. Por isso, o demiurgo (Ptah) era também chamado “a terra que se erguia”, o que o vinculava ao outeiro primordial e ao solo que reaparecia após a inundação anual. Verificava-se nesse relato da cosmogonia egípcia como é surpreendentemente sua semelhança com o epos do Corvo!

Ambos os protagonistas, tanto no epos do Corvo, como na lenda bororo, repetem um padrão de combate, seja no conflito entre o tio e o sobrinho, seja na disputa entre o chefe bororo e o filho. Tanto o Corvo como o filho bororo saem triunfantes, tornando-se novos chefes e heróis. Enquanto no epos do Corvo o tio simplesmente desaparece nas águas do dilúvio, na lenda bororo o corpo do chefe morto é oferecido pelo herói aos espíritos da laguna, que se incumbem de desmembrar o cadáver do velho chefe para o novo chefe instituído, separando-o em duas partes: uma delas (os pulmões) se direciona para um local superior, a superfície das águas, a outra (os ossos) se deposita num local inferior (o solo do lago).

Em *Cosmos, Caos e o Mundo que Virá*, N. Cohn destaca a importância de um mito – o mito babilônico da criação – considerado muito mais elaborado esse que a cosmogonia tradicional. Segundo esse mito, no início havia apenas um caos aquoso, no qual a água doce, subterrânea, se misturava à água salgada do mar (Tiamat). Nesse cenário trava-se um combate entre o monstro do caos, Tiamat, manifestação do repouso, da inércia, e o jovem guerreiro, representante do movimento, o deus Marduk. Este vence Tiamat e divide sua carcaça em duas metades para com elas criar o céu e a terra. O traço que distingue esse mito é o fato de a criação efetua-se a partir do desmembramento de um ser primordial, derrotado após tremenda batalha, com a separação de seu corpo em duas partes. Nesse aspecto fica devidamente evidenciada a semelhança entre o mito da cosmogonia babilônica e o mito bororo.

Se em certos momentos da comparação entre o epos do Corvo e a lenda bororo foi possível perceber pontos de aproximação conectando os dois mitos, em outros, delinearam-se as diferenças, sobretudo ao se considerar que vertentes cosmogônicas distintas participam de seus enredos.

BIBLIOGRAFIA

- ALBISETTI, C. e VENTURELLI, A. J. *Enciclopédia Bororo*. Publicação do Museu Regional Dom Bosco, Campo Grande, Mato Grosso, s/d.
- CHEVALIER, H. e GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1989.
- COHN, N. *Cosmos, Caos e o mundo que Virá*. São Paulo, Companhia das Letras, 1985.
- ELIADE, M. (editor in chief) *The encyclopedia of Religion*. New York, Mac Millan Publishing Company, 1987
- LÉVI-STRAUSS, C. “O Cru e o Cozido”, in *Mitológicas*, São Paulo, Brasiliense, 1991.
- MELETÍNSKI, E. M. *Paleoaziátskii Mifologúicheskii Epos* (O Epos Mitológico Paleoasiático). Moscou, Nauka, 1979.
- _____. *A Poética do Mito*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987.
- _____. *O literatúrnikh Arkhetipakh* (Sobre os Arquétipos Literários, em russo). Moscou, Editora da Universidade Estatal Russa de Estudos Humanitários, 1994.

Abstract: *This paper will seek to establish comparisons between the epic cycle of the Raven, studied by Eleazar Meletínski in The Paleoasiatic Mythological Epos, and the bororo myth known as “the unsheltered birds” studied by Claude Lévi-Strauss in The Raw and the Cooked.*

Keywords: *Eleazar Meletínski, The Paleoasiatic Mythological Epos, epic cycle, Raven, Claude Lévi-Strauss, The Raw and the Cooked, bororo myth, unsheltered birds.*

O trabalho teve como motivação o curso a que assisti no Núcleo de Poética da Oralidade da PUC, A *Poética do Mito*, sob responsabilidade dos professores Jerusa de Carvalho Pires Ferreira e Fernando Segolin. O curso contou com a participação especial de Eleazar Meletínski, como professor convidado.